



## **MULHERES NEGRAS: trajetória de vida das professoras negras na rede pública, do bairro Codó Novo.**

Josélia da Silva dos Santos (1); Beatriz Lima Silva de Moraes (2); Franciele Monique Scopetc dos Santos (3)

*Universidade Federal do Maranhão – UFMA Campus VII Codó-Ma / email: direcao\_ufmacodo@ufma.br*

**Resumo:** Este artigo possui a finalidade de investigar a trajetória de mulheres negras professoras da rede pública da cidade de Codó-MA, no intuito de aprofundar nosso conhecimento sobre as influências no tocante as categorias de gênero, raça e classe. Tal pesquisa nos possibilitou verificar indícios seculares de uma sociedade que ainda é fortemente marcada por preconceitos, racismo e sexismo. A mulher durante muito tempo luta para conseguir ser vista pela sociedade, para isso ainda enfrenta várias barreiras para conseguir chegar onde está hoje, barreiras estas que não foram quebradas totalmente como muitos pensam. A mulher ainda enfrenta problemas de diversos tipos: assédio, sobretudo no campo profissional, violências físicas e psicológicas, além dessas soma-se as categorias de gênero e raça ao ponto que podemos afirmar que a violência hoje incide de modo mais abrasivo nas mulheres negras. O problema desta pesquisa visa analisar as categorias de raça, gênero e classe social, fazendo uma ligação com o universo da trajetória educacional de quatro mulheres professoras e negras. Nossa pergunta de pesquisa é: quais os desafios enfrentados por essas mulheres negras, lecionando em escolas públicas, situadas no bairro Codó Novo? Assim exploraremos as trajetórias das mulheres negras professoras para promover o debate e mostrar a emergência de se quebrar o silêncio, exclusão e preconceitos que permeiam a história da educação vivenciada por elas, assim sendo, coube a nossa análise uma orientação metodológica a partir da história oral, com entrevistas semiestruturadas. Utilizamos o referencial teórico de Djamila Ribeiro, sobretudo, o conceito de: Lugar de Fala.

**Palavras-Chaves:** Interseccionalidade; Lugar de Fala; Mulher; Raça; Classe.

### **INTRODUÇÃO.**

Este artigo possui a finalidade de analisar as seguintes categorias: raça, gênero, e classe social fazendo assim por tanto um ligamento com o universo da trajetória educacional das quatro mulheres professoras e negras participante dessa pesquisa. Trazer para debate essas questões que permeiam a história dessas mulheres e os preconceitos vivenciados por elas, tem por único objetivo: contribuir para debate sobre, racismo,

sexismo, exclusão social, preconceitos e identidades de gênero.

Por tanto a pergunta a qual permeia nossa pesquisa é: quais os desafios enfrentados por essas mulheres negras lecionando em escolas públicas, situadas em um bairro periférico da cidade de Codó-MA.

A seleção dessas entrevistadas obedeceu aos seguintes critérios: atuação em escolas da rede pública e se auto identificar como mulher negra, considerando-se assim



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

pertencente à população negra. Inicialmente escolhemos quatro escolas do bairro, Codó novo, para uma primeira conversa informal e fazer um primeiro contato com as entrevistadas. O segundo passo foi localizar minha fonte de pesquisa, com o objetivo de estabelecer com elas um primeiro contato. Quando lhes apresentei minha proposta de pesquisa todas se manifestaram positivamente com tal tema. Com tal manifestação ficou claro que essas professoras precisam e necessitam falar e serem ouvidas.

Durante esses procedimentos me deparei com certas dificuldades, pois o número de professoras negras lecionando em escolas públicas no bairro é pequeno. Por este motivo duas das minhas entrevistadas não se encontram ativamente em sala de aula, mais na administração da escola, contudo, todas são professoras ou foram da rede pública. Apesar desse desafio ainda encontrei duas professoras ativamente em sala de aula. O contexto deste estudo traz como fonte de pesquisa quatro escolas da rede pública do bairro em estudo.

Trabalhar as questões de raça, classe e identidade social, conhecer as histórias dessas mulheres, para mim enquanto futura historiadora e professora é um privilégio, pois tal como essas mulheres, trago em mim as raízes raciais e todos os conflitos que permeiam a existência dessas mulheres

dentro de uma sociedade que foi construída a partir de um ideal de ser mulher, no qual a mulher negra não possui as características desse ideal.

Minha inquietação se deu por observar que a desigualdade entre brancos e pretos no Brasil ainda esta enraizada no seio da sociedade, infelizmente pode se dizer que quanto mais clara a pele for, maiores serão as oportunidades que esse indivíduo terá e quanto mais escura a pele for, menos serão as chances desses indivíduos, sobretudo, no âmbito profissional.

No Brasil a cor, raça e classe social ainda determina a posição de cada indivíduo na sociedade e ainda legitima quem tem direito à fala. Isso devido ao fato de que o racismo é uma das bases que estrutura as relações sociais no Brasil.

A temática a qual lancei o olhar de minha pesquisa é algo de grande inquietação de muitos historiadores e de muitas feministas negras, combater tais questões é uma luta árdua do feminismo negro, que entrecruza todas essas categorias, trazendo para nosso conhecimento a interseccionalidade, que é justamente combater todas essas formas de opressão sem colocar uma sobre a outra e como nos mostra Angela Davis no seu livro, *Mulher, Raça e Classe*. E foi essa inquietação, essa



necessidade de conhecer as histórias de vida dessas mulheres, conhecer os desafios de ser mulher negra em uma sociedade construída sobre a masculinidade e a branquitude e a hierarquização de uma classe sobre a outra, foram tais fatos que instigaram esta investigação, a qual é parte de minha pesquisa monográfica de final de curso.

Tal pesquisa tem a finalidade de transformar o modelo de sociedade que se foi construído e questionar tal modelo, no qual a mulher negra é sempre vista como submissa e subalterna. Sociedade esta que seguiu um modelo de ser mulher, no qual a mulher que deve ser representada é aquela que tem cabelos longos loiros, pele branca, olhos azuis ou verdes e é magra, essa é a imagem do que deve ser uma mulher. E como a mulher negra não possui nem um desses predicados, as mesmas são cruelmente discriminadas por este sistema, que se formou com base na branquitude, na masculinidade e que infelizmente é aceito por muitos sem um olhar crítico. A população negra e a maior vítima de todos os tipos de violências. Precisamos quebrar as armas e tirar as vendas dos olhos e abrir a boca e gritar, para que assim as vozes que por muito tempo foram silenciadas tenham direitos e consigam ser ouvidas e acolhidas e, sobretudo, visibilizadas. As mulheres negras sempre lutaram para ter seu espaço dentro da

sociedade, desde os primórdios da escravidão. A luta dessas mulheres por reconhecimento não é algo novo, porém apesar de tantas lutas ao longo dos séculos essa questão da invisibilidade da mulher negra ainda está enraizada na nossa sociedade, ou seja, é algo estrutural, desse modo, algo que se foi organizado, estruturado sistemicamente. Ao que parece tais lutas não fizeram tanto efeito, como se esperava, pois a mulher negra ainda permanece no mesmo lugar de submissão e opressão. Pois ainda lhes é negado alguns espaços, isso ocorre não devido a sua incompetente ou incapacidade, mais sim pela sua própria formação.

Pois como se sabe a mulher é principalmente a negra sempre exerceram trabalhos braçais, os quais não eram necessário intelecto. O racismo, preconceito contra a mulher negra, possui uma única finalidade, excluir, humilhar, sendo que tal camada constitui a maior parte da população brasileira.

Isso faz parte de um (pré) conceito que se criou em torno da mulher negra ao longo do tempo, e trazer à tona os relatos das professoras negras para o debate é uma forma de dar voz a essas mulheres que muitas vezes durante muito tempo foram silenciadas, e não porque não tenham algo a dizer, mas, sim porque a sociedade sobrepunha esse silêncio



a estas mulheres. Isso porque a partir do momento que esses indivíduos que colocam essas mulheres nesse lugar de subordinação pararem para ouvir o grito de socorro delas, eles começarão a perceber esse lugar que tal grupo ocupa na sociedade, e a partir desse novo olhar irão ver que o lugar que esse grupo ocupa foi conseguido pela submissão de outro grupo, por isso esse grupo subordinado não abre os olhos para a cruel realidade das mulheres negras e de outros grupos subordinados.

### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa se deu por meio de revisão bibliográfica sobre a temática; mulheres negras, como aporte em: Angela Davis, Djamila Ribeiro, Simone de Beauvoir e Grada Kilomba e de pesquisa de campo (entrevistas) realizadas com docentes do bairro Codó Novo no município de Codó. Por meio das entrevistas e das trajetórias compartilhadas, foi possível perceber como o racismo, sexismo e o preconceito ainda estão estruturados em nossa sociedade.

### **DISCUSSÃO TEÓRICA**

A questão de gênero, raça, sexismo e identidade social, que representa a condição da mulher negra, são debates que necessitam de discussões de todos os campos do conhecimento e, também do campo profissional. Portanto é no campo

educacional onde se abre de modo profícuo tais discussões e problemáticas. Pois como se sabe todas e todos professoras e professores são formadoras/es de opinião. Tais docentes têm a responsabilidade e o dever social de abrir caminho para que existam tais discussões. Assim sendo, esses indivíduos que se encontram nessas áreas ligadas à educação, possuem o compromisso de promover debates e discussões que venham contribuir para a formação do conhecimento e que possam a vir mudar posturas ainda arcaicas e preconceituosas contra a população negra, mais explicitamente contra a mulher negra. Porém como relata uma das minhas entrevistadas:

Promover tais discussões não é fácil, pois a principal instituição responsável por projetar essas discussões encontra várias barreiras, uma delas é o currículo escolar que não permite que o aluno e o professor se apoderem de tais conceitos, por muitas das vezes o professor se encontra com as mãos atadas presas por um sistema que impõe uma grade curricular na qual não fazem parte trabalhar a história da população negra, a história da mãe África, e quando tais discussões aparecem nos livros didáticos são pouquíssimas as páginas dedicadas a um povo que foi massacrado a décadas além do que as narrativas são feitas a partir de um olhar do colonizador, ou seja, do branco.

O grande desafio dos movimentos pelo direito das mulheres negras é desconstruir um imaginário que se criou em torno da mulher negra, que muitas vezes é vista simplesmente como símbolo sexual e não como ela mesma, é o que nos fala Lélia Gonzáles “existe um olhar colonizador sobre



nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar é preciso que partamos de outro ponto” (RIBEIRO, 2017, p. 35).

Essa situação que assola a existência da mulher negra nada mais é que um prolongamento da sua realidade vivida no período da escravidão, o que se pode observar quando essa temática vem para debate é que a situação da mesma pouco mudou, pois ao se observar tal situação o diagnóstico que se tem é que ela continua em um lugar de subordinação e opressão, ou seja, ela compõe o último lugar na escala social, se tornando aquele indivíduo que mais carrega as desvantagens de um sistema injusto, racista e preconceituoso. Segundo o que nos descreve, Walkyria Chagas.

Ser mulher e ser negra no Brasil significa estar inserida num ciclo de marginalização e discriminação social. Isso é resultado de todo um contexto histórico, que precisa ser analisado na busca de soluções para antigos estigmas e dogmas. A abolição da escravatura sem planejamento e a sociedade de base patriarcal e machista, resulta na situação atual, em que as mulheres afro-descendentes são alvo de duplo preconceito, o racial e o de gênero (SANTOS, 2009, p. 1).

Quando a mulher é pensada é em torno da mesma um desafio que muitas filósofas feministas já preconizavam, um grande problema que as lutas feministas tentam combater desde muito cedo que é a universalização da categoria mulher. E para que a mulher negra comece a ser pensada

como ser integrante da sociedade é preciso tomar cuidado com essa universalização, pois para que a mulher negra consiga ocupar seu lugar de fala, e viver sua visibilidade ela precisa antes de tudo, entender que tal categoria não é homogênea, assim sendo, é necessário que compreendamos que há outras interseções que compõem essas mulheres e o que as torna heterogêneas, pode ser entendido, sobretudo, a partir da violência.

Autoras como Angela Davis, Djmalia Ribeiro, Grada Kilomba, Sueli Carneiro, Simone de Beauvoir entre muitas outras filósofas, já discutiam essa universalização, antes mesmo desse discurso ganhar tanto destaque nos movimentos feministas, visto que, essa insistência em universalizar a categoria mulher, não atinge todas as mulheres, pelo contrário isso faz com que somente parte dessas mulheres sejam vistas, ou seja, a mulher branca.

É preciso, portanto, “abdicar dessa estruturação universal ao se falar de mulheres e levar em conta as outras interseções, como raça, orientação sexual, identidade de gênero” (RIBEIRO, 2017, p. 21). Por isso a necessidade da interseccionalidade, que segundo alguns estudos é um termo que foi fundamentado por Kimberlé Crenshaw, tal termo tem a finalidade de abarcar todas as formas de opressão que assolam a mulher negra em todas as suas especificidades, ou



seja, para investigar, como essas múltiplas opressões se entrecruzam. E o que nos mostra Kimberlé:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdade básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outros (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Outra grande filósofa que nos dá um conceito interessante sobre interseccionalidade é Angela Davis, em *“as mulheres negras na construção de uma nova utopia”* que nos diz:

As organizações de esquerda tem argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa que a classe é a coisa mais importante. Claro que classe é importante. E preciso compreender que a classe informa a raça. Mas raça também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mutuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras (DAVIS, 2016).

O que fica claro neste discurso de Davis, e que não se pode desmerecer uma lutar para fortalecer outra, segundo Djamilia: “Lorde ressaltou a importância de não se hierarquizar opressão e suas próprias dificuldades em se sentir pertencida a algum movimento, posto que no movimento feminista dizia-se que a questão era de

gênero; no movimento negro, racial; e no LGBTT, de orientação sexual. Como mulher, negra e lésbica, ela se via obrigada a escolher contra qual opressão lutar sendo que todas a colocavam em um determinado lugar. A autora dizia que não podia negar uma identidade para afirmar outra, pois fazer isso não seria transformação real e sim reformismo” (RIBEIRO, p. 50).

A mulher nunca foi pensada como um ser que pensa e que tem suas particularidades. Segundo Beauvoir “a relação que os homens mantêm com as mulheres seria esta: da submissão e dominação, pois estariam enredadas na má fé dos homens que as veem e as querem como um objeto” (RIBEIRO, 2017, p. 36), ou seja, a mulher é sempre vista como o outro do homem, ou seja, tudo aquilo que não é o homem e o outro. Porém quando esse olhar passa para a mulher negra essa hierarquização se torna ainda mais forte.

Se segundo o diagnóstico de Simone Beauvoir que diz “que a mulher não é definida em si mesma, mais em relação ao homem e através do olhar do homem. Olhar este que a confina num papel de submissão que comporta significações hierarquizadas” (RIBEIRO, 2017, p. 36), lembrando que Simone de Beauvoir esta pensando essa categorização, a parte do homem branco e da mulher branca. Nessa categorização feita por



essa filósofa francesa a mulher é representada como um objeto, segundo suas palavras, ao que possui uma função definida. bell hooks nos dá uma perspectiva da relação entre esse sujeito e o objeto, segundo essa filósofa, “sujeito são aqueles que possuem direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades e nomear sua história e os objetos aqueles que serão definidos pelos sujeitos” (hooks, 1989 p. 42).

Em geral as mulheres sofreram diversas formas de opressão, fato inequívoco e inegável, porém Djamila Ribeiro trás no seu livro *O que é lugar de fala?* se a mulher branca sofreu atrocidades, o que dirá das mulheres negras, que desde muito cedo foram submetidas a total submissão (RIBEIRO, 2017). A mulher branca tem um legado de luta isso é verificado nas lutas desde o sufrágio até questões ligadas aos direitos reprodutivos, tal como: o aborto. Porém, ela não precisou trabalhar no campo, não era chicoteada todos os dias e cotidianamente eram abusadas sexualmente por seus donos, seus filhos não foram arrancados de seus braços para serem vendidos como mercadorias. Isso e muito mais são legados que as mulheres negras trazem em suas raízes.

É com base nessas premissas que Simone de Beauvoir cria o conceito do outro

como já mencionado, do mesmo modo outra filósofa denominada Grada Kilomba “fundamenta mais esse conceito criado por Simone e cria a categoria do outro do outro” (RIBEIRO, 2017), pois para Grada Kilomba a mulher negra:

“por serem nem brancas, nem homem, as mulheres negras ocupam um lugar muito difícil na sociedade supracista branca por serem uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade. Nessas análises, percebe o status das mulheres brancas como oscilantes, pois são mulheres, mas são brancas” (RIBEIRO, 2017, p 38-39).

Nessa crítica dessas duas feministas é possível perceber a oscilação da mulher branca, pois são mulheres, porém, brancas, enquanto a “mulher negra só pode ser o Outro e nunca si mesma” (RIBEIRO, 2017.p 39). E quando essa oscilação é percebida, possibilita evidenciar as várias categorias de ser mulher, se torna assim possível romper com a universalização que se criou em torno da mulher, e assim tanto visibilidade a mulher negra. A mulher negra é sempre vista como subordinada e nunca como ela mesma, é por tais fatores que até hoje as mulheres negras sofrem racismo, sexismo e até mesmo genocídios. Na introdução de *Breve histórias do feminismo no Brasil*, Amélia Teles diz

“falar da mulher, em termos de aspiração e projeto, rebeldia e constante busca de transformação, falar de tudo o que envolva a condição feminina, não é só uma vontade de ver essas mulheres reabilitadas nos planos econômicos, social e cultural. É mais do que isso. É assumir a postura incômoda de se indignar com o fenômeno histórico em que metade da humanidade se viu milenarmente



excluída nas deferentes sociedades no decorrer dos tempos”.

Segundo diagnóstico feito por Ana Lucia Valente (1994, p. 56) “as mulheres negras e as mulatas que em geral, sofrem de triplas discriminação: social, sexual e racial. Portanto tudo o que se coloca como problemático para a população negra atinge especialmente as mulheres negras”(VALENTE, 1994, p. 56).

O grande desafio é quebrar esse silenciamento, que se formou em torno da mulher negra e empoderar essas mulheres que muitas vezes não reconhecem seu próprio valor. Audre Lorde nos fala “fomos socializadas para respeitar, mas ao medo que às nossas próprias necessidades de linguagem e definição, e enquanto a gente espera em silêncio por aquele luxo final do destemor, o peso do silêncio vai terminar nos engasgando”. Quebrar esse silêncio é um dos principais passos para transformar a situação dessas mulheres negras. Porém a pergunta que muitos fazem é porque há tanto silenciamento em torno da mulher negra?

Chimanda Ngozi Adichie em: “o perigo da história única” nos dá uma pista interessante sobre essa invisibilidade da mulher negra e de sua história de luta.

“É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é “nkali”. É um substantivo que livremente se traduz “ser maior do que o outro”. Como nossos mundos econômico e

político, histórias também são definidas pelo princípio do “nkali”. Como é contada, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destruir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com “em segundo lugar”. Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferentes. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente” (ADICHIE, 2008, p. 3).

O que essa filósofa nigeriana quer dizer, é que essa mulher negra, ainda permanece na invisibilidade porque suas histórias são ainda contadas por uma classe privilegiada da sociedade, assim sendo tal indivíduo precisa se apoderar de suas próprias histórias, porque se essas histórias continuarem sendo contadas por uma classe privilegiada, nunca haverá uma real transformação desse grupo subalternizado, pois o que ocorrerá será apenas uma repetição dessas histórias.

O peso da branquitude e a masculinidade sempre se fizeram e, ainda, se fazem presentes na vida dessas mulheres, onde a cor, sexo e classe social irão identifica-las dentro da sociedade. Pois desde a escravidão se criou um padrão para ser mulher. O peso dessa categoria incide ainda mais quando essas mulheres negras conseguem atingir um status que para a





**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sociedade não lhe pertence, pois, como Djamila nos mostra a mulher não foi feita para o público e sim para o privado, e quando essa mulher negra alcança um cargo acima do esperado para a sociedade ela é obrigada a superar todas as barreiras para mostrar que também é capaz. Segundo o depoimento de uma das minhas entrevistadas, é preciso urgentemente trabalhar em cima dessas duas questões que são o marco fundador do racismo e do preconceito contra a população negra especificamente a mulher negra; a branquitude e a masculinidade.

Em relação a essa dominação que o homem pensa ter sobre a mulher, Pierre Bourdieu irá nos mostrar em seu livro *A dominação masculina* que:

“A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão antrocêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visam a legitimá-la” (BOURDIEU, 2010 p. 18).

Segundo o seu diagnóstico a dominação do homem foi construída a partir da violência simbólica, que é uma violência mais suave mais branda, porque ela é uma violência imperceptível, não sente não ver, por que para Bourdieu essa violência simbólica está dentro dessa categoria de entendimento da forma como concebemos o mundo. Que tal dominação é algo que se transcendeu ao longo dos séculos.

Essas violências que ocorrem no campo simbólico acabam legitimando a prática. O filósofo ainda chama atenção para o fato de que é preciso historicizar aquilo que se parece natural, pois muitas das vezes essas imposições que ocorrem naturalmente, assim não o são, sendo que até o dominado pode também naturalizar essa dominação. Isso porque é algo naturalizado, por exemplo; na maioria das vezes a mulher prefere um homem mais velho mais alto, com mais experiências. Deve-se tomar cuidado como aponta Bourdieu, nessa naturalização.

Pierre Bourdieu partilha da mesma ideia que Simone de Beauvoir, de que não se nasce mulher torna-se. Isso significa que quando a mulher nasce ela já nasce com um objetivo, que lhe é imposto pela sociedade, assim sendo, quando ela nasce o seu caminho já está pré-determinado, ou seja, seu objetivo é ser dona de casa, cuidar dos filhos, principalmente da sua educação, cuidar do marido e preservar o bem da família.

As mulheres negras professoras enfrentam vários desafios ao longo de seu percurso, além de lidar com as questões raciais enfrentam o racismo asseverado pela sua classe social, isso porque parte de seus colegas e até mesmo parte da direção da escola, ou seja, além de enfrentar essas questões cotidianamente fora da escola ainda há a permanente luta dessas professoras no



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

campo educacional. Sendo que tal instituição legitima o racismo. Segundo uma contribuição de uma participante da pesquisa ela nos relata claramente esse preconceito existente na escola, ela nos relata que o preconceito existe sim e vem de todas as partes, porém o que mais a magoa é ver tais atitudes saindo de pessoas que estão ali para trabalhar as diferenças sociais, que estão ali para formar futuros cidadãos, capazes de entender que não somos algo homogêneo muito pelo contrário somos diversos e cada um com sua particularidade. Infelizmente a instituição que seria construída para formar indivíduos conscientes dos seus deveres e direitos se encontra incapaz de fazê-lo.

A luta não é fácil, porque apesar de essas mulheres conseguirem se localizar em uma posição de prestígio, pois antigamente para uma mulher negra chegar a ocupar algum cargo de prestígio era quase um sonho, assim como assevera Ribeiro (2017). Ainda assim, quando são encontradas nesses espaços a repulsa é imediata um exemplo disso é quando a mãe de uma criança vai à escola e diz: ‘Vixe a professora de meu filho é negrinha!’ A mãe de determinado aluno não quer saber se ela tem ou não grau de instrução para ministrar uma sala de aula. Isso porque apesar de estarmos em um novo século com grandes inovações, em constante transformação, porém o discurso sobre a

população negra não muda o que nos promove uma ponte com século XIX, sobretudo o Brasil escravagista.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As professoras relatam vários episódios de racismos e preconceitos dentro das instituições escolares, não só por parte dos alunos, mas também da parte de colegas do magistério, os quais que subjugavam suas trajetórias e achavam que aquele lugar não pertencia àquela mulher negra e pobre e também porque essa mulher que conhece profundamente a marca da discriminação muitas das vezes já chega nesse ambiente com uma concepção diferente de transformação já se destacam mais por trabalhar a questão de racismo preconceito dentro das salas de aulas. Pois não é preciso muito para perceber que o currículo escolar não oferece paradigmas para os alunos abortarem de um modo crítico tais conceitos. É o que nos informa uma entrevistada:

“luto todos os dias contra essas opressões que permeia a história da população negra. Muitas das vezes percebo que sou algo que incomoda, pois sou uma mulher em encontro com minhas identidades, e isso faz com que certos olhares venham sobre mim, por mim vestir de um jeito diferente, do que é considerado normal, por pintar meu cabelo, por usar brincos só de um lado da orelha. Tudo isso além de ser minha para meus alunos para e a para sociedade as raízes de um povo que foi submetidos é ainda o são as duras opressões, (simplesmente por que não é homem e nem branca, pois é evidente a olhos nus ver tal diferença entre a mulher negra e a mulher branca, chega até ser gritante tal desigualdade.) porque eles não estão acostumados ali dar com o diferente. Quando



eles houve falar do povo africano é algo muito relapso, superficial, sem um devido discernimento. Meu objetivo como educadora e ser humano, e esticar o senso crítico desses alunos, fazer com que eles comecem a se fazer os seguintes questionamentos: porque o povo negro que constitui a maior parte da população brasileira ainda continua desassistidas em alguns espaços?, sendo que nosso país levanta a bandeira da igualdade e da fraternidade, país este que se diz democrático”.

Aprofundar essas discussões é de essencial necessidade para se ter de fato um avanço significativo.

Isso incomoda um grupo de pessoas que não foram criadas para ouvir e aceitar as diferenças. E quando esse grupo é contrariado ele se sente ameaçado e isso faz com que ele tende a inferiorizar a docente, mulher negra, e também por pensar ainda que

lugar de mulher negra é limpando chão, cozinhando, dentro de outros espaços subalternos, ou seja, que permanecessem submissas à elite branca. Porém, as mulheres negras não aceitam mais tal subordinação e lutam todos os dias para mudar sua realidade.

Desde muito cedo tais mulheres enfrentam a discriminação por serem diferentes, por não seguirem um padrão que é imposto pela sociedade, por seu cabelo, sua cor, pois esses dois fatores junto com outros traços fisionômicos são ainda características que ressaltam a desigualdade, ou seja, a pele

faz com que tais mulheres sejam tratadas como inferiores.

Tais dificuldades são comuns na vida dessas professoras negras, pois no primeiro contato feito com as professoras negras que contribuíram com nossa investigação, ouvimos o seguinte relato: “desde o tempo de escola o racismo e a discriminação racial fazem parte do meu cotidiano. Nesse período encontrei várias barreiras no meu caminho, como a dificuldade de ter uma vida social igual a das minhas colegas, dificuldades de me relacionar por causa da minha cor e do meu cabelo”.

Tal relato feito por uma das docentes negras que compartilharam suas narrativas de vida, a professora enfatiza a discriminação racial vivenciada durante sua trajetória de estudos. Salienta que ela e outras mulheres negras aprenderam desde cedo a enfrentar todas as dificuldades de uma sociedade racista, preconceituosa e machista. Já na sua fase adulta segundo os relatos, ao passo que elas adentraram espaços que historicamente não eram seus, pois, como Djamilia Ribeiro fala em seu livro *Lugar de Fala* (RIBEIRO, 2017) a mulher, principalmente, a mulher negra não foi criada para o público e sim para o privado.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa está inserida no campo da interdisciplinaridade e na Interseccionalidade no sentido de conhecer a



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

história de um grupo que foi colocado na condição de subalterno, condição essa que lhe foi imposta por um grupo que se acha superior e homogêneo, pois como se sabe nossa sociedade foi construída a partir das narrativas dos brancos que sempre se usam como universais.

E nunca se questionaram sobre os privilégios que os cercam, pois existe um grupo privilegiado e outro grupo que está sendo discriminado. A grande luta aqui será fazer com que esse grupo privilegiado se perceba e se conheça, pois, a partir daí ele começará a ver que o lugar que ele ocupa impacta em outros grupos subalternos, visto que para perceber que tais privilégios foram criados com base na submissão de outros grupos.

Quando eles pararem e olharem para a sociedade sem esse véu da superioridade, perceberão que a sociedade é racista e que os seus privilégios foram criados a partir da opressão e de discriminação, e só daí em diante que tais indivíduos perceberão a sua responsabilidade de lutarem contra tudo isso. Tais opressões só acabarão quando esses indivíduos se conscientizarem da importância de se quebrar esse modelo de sociedade, para isso precisam entender a origem de seus privilégios, assim perceberão que os benefícios que os comportam acabam por oprimir e tomar o direito de outros grupos, e,

portanto, imprescindíveis políticas públicas sobre igualdade de gênero e levantar tais debates nas escolas, pois só assim promoveremos a transformação da mentalidade desses indivíduos.

O diálogo nos oferece a percepção que ser diferente não é ruim e usar nossas diferenças como armas contra as opressões que nos foram empurradas goela abaixo, e usar tais diferenças como algo criativo e não como algo que nos separa uns dos outros, fazendo assim com que essa divisão social não permaneça estratificada em nossa sociedade.

Romper com o silêncio é outra arma essencial nessa luta de transformação de mentalidade. Quando falamos em quebrar com o silêncio não estamos nos referindo somente a responder alguém diretamente, mas sim aos diversos silêncios a que nos impõem como mulheres, negras e professoras, como diz Djamila Ribeiro é romper com os silêncios institucionais, silêncio de morte negra, da desigualdade ou quando olhamos o país no qual vivemos em que a maioria é negra e a gente não se ver representadas em determinados espaços, pois tais silêncios foram criados por uma voz única, a voz da branquitude e masculinidade (RIBEIRO, 2017).

As experiências relatadas servem para desconstruir discursos preconceituosos



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

camuflados no interior da sociedade brasileira. Essas experiências nos ajudaram a repensar as lacunas sobre os assuntos existentes em nossa sociedade, como: racismo, sexismo e classe social. Diante das trajetórias de vida colhidas nessas primeiras entrevistas formais, nos possibilitou afirmar que a condição da mulher negra professora da rede pública de Codó-MA e da exclusão, pois no momento que essas mulheres se fazem mais presentes em alguns espaços, como a docência, profissão que antes não era permitida a mulher negra, nos permite ver essa desigualdade social e a diversidade de identidade.

O que se evidencia nesse trabalho sobre a condição da mulher negra e professora da rede pública da cidade de Codó é que a presença destas, nesse espaço ainda é pouco visível, a escola também se apresenta como um ambiente de segregação racial é diferentemente do que muitos pensam essa segregação ocorre muitas vezes não por parte dos alunos, mas, por outros membros que compõem essa instituição, a opressão sofrida por tais mulheres em suas trajetórias de vida pessoal e acadêmica revela, portanto o mito da democracia racial no Brasil revela a superioridade de um grupo que se considera homogêneo sobre um grupo reprimido e subalterno. É preciso transformar urgentemente essas mentalidades desse grupo

privilegiado que até os dias de hoje apresentam-se como universal e como a voz única que merece ser legitimada. Deve-se também pensar em políticas públicas que possibilite promover soluções para igualar esta mulher negra não somente com suas irmãs brancas, mais também com os homens brancos e negros. Para que assim se possa afirmar que nossa sociedade é em todas as suas dimensões, uma sociedade que realmente faça jus ao lema, liberdade, fraterna e igualitária. E fundamental se fazer alguns recorde quando for se mencionar a mulher.

E de extrema urgência que a mulher negra se apodere de si, e de suas historias, precisam parar de deixar que outras vozes falem por si. Pois como salienta Santos, “As mulheres negras, necessitam reencontrar a sua identidade, valorizar suas historias e suas raízes, se assumir enquanto afrodescendentes e agentes ativos desse processo de democratização”( SANTOS, 2009, p. 5).

Pois se elas não começarem a contar suas próprias historias, a única voz que se ouvirá e a repetição de uma voz única de uma classe privilegiada, é assim nunca será possível transformar de fato a real situação das mulheres, particularmente a mulher negra.

## **REFERÊNCIAS.**



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ADICHIE, Chimmanda. **O perigo da história única.** 2008, Nova York e Vancouver. TED global. Retrieved from.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida.** Tradução de Sérgio Millet. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** 7ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum, 14, 1989.

HOOKS, Bell. Feminism is for everybody: Passionate politics. Pluto Express, 2000.

HOOKS, bell. Feminist theory: from margin to center, 2000.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism.** Munster: Unrast Verlag, 2012. Disponível em: <http://goo.gl/w3ZbQh> Acesso em 25 set 2018.

LORDE, Audre. Mulheres negras: **As ferramentas do mestre nunca irão desmantelar a casa do mestre.** Tradução de Renata. 10 set. 2013

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte, Letramento Justificando, 2017.

SANTOS, Walkyria Chagas da Silva. **A mulher negra brasileira. Revista África e Africanidades,** nº 5, mai. 2009.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

VANTE, Ana Lúcia. **Ser negro no Brasil hoje.** São Paulo: moderna, 1994.

Artigo publicado no portal Geledés – Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis>